

## Definitude e a genericidade em Rikbaktsa (Macro-Jê)<sup>1</sup>

Vitória Maria JASPER ERN

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Beatriz MARTINS RACHADEL

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Bianca MARIA DE SOUZA

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Léia DE JESUS SILVA

*Universidade Federal de Goiás, Brasil - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Roberta PIRES DE OLIVEIRA

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil - Universidade Federal do Paraná, Brasil, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil*

Érica MILANI DELLAI

*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

João TSAPUTAI RIKBAKTSA

*Escola Estadual Indígena Myhyinymykytee Skiripi - Município de Brasnorte, Brasil*

Vanildo BIBIU RIKBAKTSA

*Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso, Brasil*

**Abstract:** The paper investigates the expression of definiteness and genericity in Rikbaktsa (Macro-Jê). The data was selected from the literature (SIL, 2007; Silva, 2011, Dellai *et al.*, 2021) and collected through interviews with two native speakers, following Dayal's questionnaire (in press). The analysis shows: (i) Rikbaktsa has no articles; the demonstrative carries an anti-uniqueness presupposition, thus, it is not a definite article, and *ftuba* 'one' is the cardinal 1, (ii) the bare phrases, with and without plural morphology, allow definite and indefinite readings; (iii) the bare singularis mandatory in a situation where there is only one individual, but can convey plurality and genericity; (iv) the bare plural conveys plurality and genericity; it is mandatory with the predicate of extinction. The bare plural denotes a set of pluralities which can be shifted to the kind, whereas the bare singular does not carry information about number; singularity is an implicature.

**Keywords:** definiteness; genericity; Rikbaktsa.

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos comentários dos pareceristas, que foram essenciais para este artigo.

## 1. Introdução

Neste artigo, investigamos a semântica do sintagma nominal em Rikbaktsa (Macro-Jê)<sup>2</sup>, buscando compreender se esses sintagmas carregam (ou não) traços de definitude e também se são (ou não) genéricos<sup>3</sup>. A literatura sobre a definitude e a genericidade na semântica das línguas naturais é extensa, envolve autores como Bertrand Russell e Irene Heim, para citar alguns<sup>4</sup>, e nosso objetivo não é revisá-la. Nossa perspectiva é tipológica e utilizamos como guia o questionário de Dayal (no prelo), que revisa os principais testes disponíveis na literatura em semântica para detectar se uma certa expressão em uma dada língua é (ou não) um artigo definido ou indefinido, se ela veicula definitude, indefinitude ou se é neutra e, finalmente, sua relação com a expressão da genericidade. Acrescentamos ao questionário dois contextos que são relevantes para entendermos a definitude e a genericidade de uma expressão nominal: os predicados disposicionais, que são genéricos, e os predicados existenciais, que não aceitam expressões definidas.

Questionários são instrumentos importantes porque permitem comparar línguas fixando o contexto de interpretação e coletando dados controlados<sup>5</sup>. Para línguas em perigo, os questionários permitem ainda focar em aspectos fundamentais para a sua gramática, sendo ao mesmo

---

<sup>2</sup> A língua Rikbaktsa (Macro-Jê) é falada pelo povo Rikbaktsa. Eles vivem em três terras indígenas (Erikpatsa, Japuira e Escondido), localizadas no noroeste do estado do Mato Grosso (Brasil). Segundo Silva (2011), devido a diversos fatores, entre eles, questões históricas decorrentes da invasão de seringueiros, do processo de pacificação iniciado em meados do século XX e da catequização deste povo, a língua foi deixando de ser transmitida para as gerações mais novas. Dessa forma, crianças e jovens rikbaktsa são na sua maioria monolíngues em Português Brasileiro (PB), com algumas exceções bilíngues. Os adultos variam muito entre bilíngues, monolíngues em PB e pessoas com boa compreensão de Rikbaktsa, mas que, contudo, falam pouco esta língua. Entre os idosos, encontramos tanto bilíngues como monolíngues em Rikbaktsa (Silva, 2011). Atualmente, está em curso um processo de vitalização, sendo o Rikbaktsa ensinado nas escolas como segunda língua.

<sup>3</sup> Este estudo faz parte do projeto de pesquisa sobre a definitude através das línguas (Pires de Oliveira 2021) em que são investigadas, a partir de um mesmo questionário, as línguas Terena (Arawák ou Aruak), Wapishana (Arawák ou Aruak), Kaingang (Macro-Jê), Guarani (Tupi-Guarani), Mebengokre (Macro Jê), além do Português Brasileiro, Espanhol Rioplatense e Portunhol. Este artigo é também uma ação de valorização da língua Rikbaktsa, já que conta com a autoria de dois professores de língua materna, bilíngues, que atuam nas suas comunidades.

<sup>4</sup> Russell (1905), Heim (1981), Kamp (1981), Diesing (1992), Lyons (1999), Givón (2001), dentre outros.

<sup>5</sup> Matthewson (2004), Mendes (2014), Lima & Rothstein (2020), Dayal (no prelo), entre outros.

tempo um meio importante de documentação. A metodologia utilizada é, portanto, a coleta estimulada de dados contextualizados a partir de um questionário em que estão contempladas questões teóricas.

Trata-se de uma investigação empírica sobre a semântica das línguas naturais, visando, em última instância, compreender o que há de universal (Chierchia 1998, 2021; Lima & Rothstein 2020; Dayal (no prelo), entre outros). Vale lembrar que estamos descrevendo estruturas subatômicas, como os traços semânticos, que podem se aglomerar em morfemas de maneira variada através das línguas. Por exemplo, em português, o artigo definido carrega tanto o traço de definitude quanto o traço de atomicidade. Em inglês, o artigo definido não carrega o traço de atomicidade, ‘the boys’. As línguas variam no mapeamento entre os traços e a morfologia. Há línguas que possuem artigos, como é o caso no português; há línguas que distinguem morfologicamente artigos definidos fortes e fracos, como ocorre em Islandês e há línguas sem artigos, como é o caso do Mandarim e do Rikbaktsa, que diferem quanto à presença de morfologia de plural, não admitida em Mandarim.

Os dados analisados foram selecionados da literatura sobre a língua (SIL, 2007; Silva, 2011, Dellai *et al.*, 2021) e coletados individualmente com os dois coautores Rikbaktsa, ambos bilíngues, através de videoconferências que foram gravadas, transcritas, glosadas e traduzidas, sendo todas estas etapas feitas em conjunto com os coautores Rikbaktsa. Como se trata de uma tarefa que envolve produção controlada, mas livre, nem sempre os falantes produzem a mesma sequência linguística. Durante as entrevistas também construímos sentenças e pedimos que os falantes avaliassem sua aceitabilidade em determinadas situações. Trata-se, portanto, de um levantamento de caráter qualitativo.

Na primeira seção, apresentamos alguns aspectos da gramática da língua Rikbaktsa (Macro-Jê) que podem ter um papel na determinação da definitude e da genericidade. A segunda, apresenta o levantamento de dados selecionados na literatura disponível sobre a língua; enquanto na terceira, apresentamos o resultado da coleta utilizando o questionário. A última seção é a conclusão.

## 2. Aspectos da gramática do Rikbaktsa

A expressão da definitude sentencial é o resultado da combinação de vários elementos além dos sintagmas nominais, como o aporte dado pelo verbo e pelo contexto. Em línguas como o português, o demonstrativo, por exemplo, tende a tornar a sentença definida, a despeito do tempo e aspecto veiculados pelo verbo<sup>6</sup>. O aspecto perfectivo combinado com o tempo passado tende a projetar uma leitura definida para a sentença, nas línguas em geral, embora o sintagma nominal possa ser indefinido, afinal é possível que um evento definido no passado seja sobre um objeto indefinido: ‘ontem de tarde vi um homem’. Nessa seção, apresentamos alguns aspectos da gramática do Rikbaktsa que podem ter um papel na expressão da definitude e da genericidade.

Essa é uma língua de ordem sujeito, objeto e verbo (SOV). O exemplo em (1a) mostra que os sintagmas nominais *maku* ‘marido’ e *eremetfa* ‘macacos prego’, em função argumental, isto é, saturando a valência do verbo, são os argumentos do verbo *ba* ‘matar.plural’, obrigatoriamente retomados no verbo por afixos no exemplo, pelos pronomes *ni*, que marca sujeito e 3ª pessoa, e *fi* que, além de marcar 3ª pessoa e plural, marca também que se trata do objeto. Não há nenhum morfema de posse no sintagma *maku* ‘marido’, embora na tradução apareça ‘meu’, e não há tampouco marca de número. Nesse exemplo, a interpretação é singular, trata-se de um único marido, mas não há marca morfológica para tanto. Como veremos, nem sempre é esse o caso.

- (1) a. *maku*            *ereme-tfa*            *ni-ø-fi-ba*  
marido            macaco-NF.PL            3SUJ-PAS-3OBJ.PL-matar.PL  
‘meu marido matou macacos’ (SILVA, 2011: 242)

O exemplo em (1b) mostra que o verbo com os afixos forma uma sentença, isto é, uma unidade sintático-semântica completa (expressa um pensamento e pode ser avaliada como verdadeira ou falsa).

---

<sup>6</sup> Há usos do demonstrativo que são genéricos, como em ‘Estou procurando um psiquiatra. Este médico que cuida dos sonhos’. Ver Basso & Pires de Oliveira (2015).

- b. *ɾ-ø-i-beɾe*  
 3SUIJ-PAS-3OBJ.SG-matar.SG  
 ‘ele o matou’ (SILVA, 2011: 239)

A língua tem um sistema temporal binário, distinguindo passado e não-passado. O morfema passado é afixado imediatamente após a marca do sujeito. O passado denota eventos que ocorreram antes do momento de fala e é expresso pelo prefixo *k-*, adicionado ao verbo antes do diretivo em (2a), e antes da raiz em (2b).

- (2) a. *tʃi-k-na-moro*  
 2SUIJ-PAS-DIR-tomar.banho  
 ‘você foi tomar banho’ (SILVA, 2011: 119)
- b. *i-k-u*  
 3SUIJ-PAS-ir  
 ‘eu fui’ (SILVA, 2011: 122)

O não-passado, por sua vez, denota eventos que ou ocorrem no momento da fala ou ocorrem após o momento de fala, ou seja, eventos futuros. É veiculado pelo prefixo *mi-*, se ele preceder consoante (3), e por *p-*, se preceder vogal (4).

- (3) *tʃi-mi-moro*  
 2SUIJ-PAS-tomar.banho  
 ‘você vai tomar banho’ (SILVA, 2011: 120)
- (4) *tʃi-p-ikʃi-ki*  
 2SUIJ-NPAS-ir.embora  
 ‘você está indo embora?’

Além do aspecto gramatical *-kV* ‘continuativo’, em (4), que corresponde ao aspecto imperfectivo, o Rikbaktsa marca ainda *=ba* ‘completivo’ (5), na terminologia de Silva (2011), que corresponde ao perfectivo, expressa um finalizado<sup>7</sup>.

- (5) *bua i-ø-ø-boro=ba*  
 macaco 1SUIJ-PAS-3OBJ.SG-comer=COMP  
 ‘eu comi o macaco todinho’

<sup>7</sup> Enquanto o tempo marca a localização do evento em relação ao momento de fala, o aspecto relaciona o evento ao momento de referência. O aspecto imperfectivo ou progressivo ocorre quando o tempo do evento inclui o tempo de referência; já no perfectivo, o tempo de referência inclui o tempo do evento. Para mais detalhes, ver Smith (1991), entre outros.

Com relação ao nome, o Rikbaktsa distingue morfologicamente formas femininas, que são exclusivas para as fêmeas, de formas não femininas, que se aplicam a todos os outros indivíduos (indivíduos do gênero masculino, animais e objetos). Essa distinção se estende aos demonstrativos. No singular, os demonstrativos *tatfa* e *ta* indicam, respectivamente, fêmea e não fêmea, enquanto no plural, referentes fêmeas são expressos por *-ra*, e os referentes não fêmeas por *-tfa*. Essas formas se associam a nomes que são passíveis de serem contados diretamente, isto é nomes contáveis, em contraste com a forma para massa, *na*<sup>8</sup>. A distinção está exemplificada em (6): (6a) demonstrativo singular; (6b) plural para os nomes não fêmeas; (6c) singular fêmea e (6d), massivo<sup>9</sup>.

(6)	a.	<i>ta</i>	<i>hui</i>
		DEM.NF.SG	árvore
		‘esta é uma árvore’	(SILVA, 2011: 58)
	b.	<i>fa</i>	<i>hui-tfa</i>
		DEM.NF.PL	árvore-NF.PL
		‘estas são árvores	(DELLAI <i>et al.</i> 2021: 12)
	c.	<i>tatfa</i>	<i>ka-fte</i>
		DEM.F.SG	1POSS.SG-filha
		‘esta é minha filha’	(SILVA, 2011: 58)
	d.	<i>na</i>	<i>tumi</i>
		DEM.MAS	chicha
		‘isto é chicha’	(SILVA, 2011: 58)

Dellai *et al.* (2021) afirmam que nessa língua não há artigos e que os nominais nus ocupam posição de argumento. Em (7) *parini* ‘onça’ não carrega nenhuma morfologia explícita, não há nenhum elemento encabeçando o sintagma que preencha a valência do verbo ‘comer’. Seguindo a literatura, vamos chamar essa estrutura de singular nu. Em (7), ele tem leitura atômica, isto é, é sobre uma única onça e, de acordo com a tradução proposta (SIL, 2007), é definido, trata-se de uma onça saliente no contexto de fala ou já mencionada anteriormente. Vale notar, no entanto, que a interpretação indefinida é, por hipótese, também possível:

<sup>8</sup> Ver Dellai *et al.* (2021).

<sup>9</sup> Não há verbo de ligação em Rikbaktsa.

- (7) *Parini pazaharetsa petoktsa nisiboro*<sup>10</sup>.  
*Parini paṛahei-tṣa petok-tṣa ni-ø-fi-boro*  
 onça porco-NF.PL dois-NF.PL 3SUJ-PAS-3OBJ.PL-comer  
 ‘A onça comeu dois porcos’ (SIL 2007: 26)

A estrutura em que o nome está em posição argumental, acompanhado por morfologia de plural e não está encabeçado por nenhum elemento é chamada de plural nu. Em (1a), essa estrutura aparece em *ereme-tṣa* ‘macacos-prego’. Em (7) acima, o sintagma plural *paṛahei-tṣa* está acompanhado pelo numeral *petok-tṣa* ‘dois’, posposto. Não há artigos encabeçando esse sintagma e a interpretação é indefinida, de acordo com a tradução.

Na próxima seção apresentamos os dados selecionados de publicações, buscando determinar a interpretação dos sintagmas nominais nus.

### 3. Análise dos dados selecionados da literatura sobre a língua

Os exemplos em (8) mostram que o singular nu ocupa posição argumental. Em (8a), esse sintagma tem interpretação definida<sup>11</sup>. No entanto, o singular nu, *wanu* ‘rede’, em (8b), é indefinido. Note que, diferentemente de (7) e (8a), em (8b) o singular nu não tem interpretação de singularidade. Na cultura Rikbaktsa, a sentença em (8b) expressa que há mais de uma rede. Voltaremos a essa questão, por enquanto basta notar que o singular nu parece às vezes ser atômico, isto é, denota um único indivíduo (8a), às vezes, plural (8b), às vezes definido (8a), às vezes indefinido (8b).

- (8) a. *paṛahei*            *Puke*  
           *porco*                *sair*  
           ‘o porco saiu’    (SILVA, 2011: 56)
- b. *maloca=ere*    *wanu*    *baba*            *buba*  
           casa=INESS    rede        verdadeira    RESTR  
           ‘na casa tinha rede verdadeira/tradicional’ (SILVA, 2011: 294)

<sup>10</sup> Para dados retirados da literatura e que estejam originalmente apresentados na escrita da língua e sem glosa, será mantida a forma original, ortográfica, e a tradução, a fim de explicitar o dado a que tivemos acesso. Acrescentamos a eles uma versão fonética nossa e glosas, também acrescentadas por nós, não sendo estas, portanto, de autoria da referência citada.

<sup>11</sup> Este dado foi retirado de uma narrativa, de maneira que a interpretação definida está clara.

Também nas traduções das narrativas do *Livro de apoio na língua Rikbaktsa* (SIL, 2000) encontramos o nominal nu, tanto sem quanto com marca de plural, às vezes traduzido com o artigo definido e às vezes com o indefinido. Na sentença (9a) abaixo, o singular nu *boa* ‘macaco-prego’ é traduzido com artigo definido. Note que o tempo do verbo é passado, o aspecto perfectivo (de fato, completivo), e essa é a conclusão de uma narrativa de caça de um macaco.

- (9) a. *boa*            *iboroba*<sup>12</sup>  
          *bua*            *i-ø-ø-boro=ba*  
          macaco      1SUJ-PAS-3OBJ.SG-comer=COMP  
          ‘eu comi o macaco todinho’

No volume 2 do mesmo livro, há transcrição de uma conversa sobre matar gavião, (9b), o sintagma nominal nu é traduzido com artigo indefinido: ‘vamos matar um gavião’. Note, no entanto, que na glosa não há nenhuma marca para o artigo indefinido. Há a posposição diretiva, na direção de, e o modo enfático no morfema *kta* (*lit.*: ‘vamos para gavião’/*lit.*: *Para gavião!*). Não é claro que se trate de um único gavião, parece antes ser sobre caçar gavião, um ou mais.

- (9) b. *wohorekbokta*  
          *wohorek*    *bo*    *kta*  
          gavião      DIR    MOD.EMP.NF/NF.SG  
          ‘vamos matar um gavião’ (*lit.*:vamos para gavião)

Na mesma narrativa, em (9c), *wohorek* ‘gavião’ é traduzido com artigo definido, ‘ela está cozinhando o gavião’; *wohorek* ‘gavião’ aparece, portanto, às vezes traduzido com o artigo definido e, às vezes, com o artigo indefinido, a depender do contexto sintático-semântico em que ocorre.

- (9) c. *wohorek*    *poik*    *zibyk*  
          *wohorek*    *poj*    *ribik*  
          gavião      osso    cozinhar?  
          ‘ela está cozinhando o gavião?’

Nos dados de que dispomos quase não há exemplos de contextos genéricos. Encontramos um exemplo do singular nu (10) em contextos de

<sup>12</sup> O sistema de escrita utilizado no material citado e reproduzido aqui é o proposto por SIL (2007).



verbos psicológicos ou disposicionais, que são contextos genéricos. Predicados disposicionais indicam que a denotação do singular nu não pode ser atômica, porque veicula uma disposição do indivíduo em relação a algo. Predicados como ‘gostar de’ e ‘odiar’ são disposicionais.

- (10) *ikra pərahək pokfo ka-pibi-ĩ=tatfa*  
 eu.F cobra EVIT 1SG-ter.medo-EST.AFIR=F.SG  
 ‘eu tenho medo de cobras.’ (*lit.*: eu tenho medo de cobra) (SILVA, 2011: 297)

Em (10), o falante não está expressando algo episódico, mas uma disposição sua com relação a qualquer instanciação de cobra. Se algo é uma cobra, então o falante tem medo desse algo. Estamos diante de um contexto genérico. Embora predicados disposicionais não apareçam no questionário de Dayal (no prelo), são fundamentais para verificarmos a denotação de um sintagma nominal, em particular se ele denota ou não a espécie. Carlson (1977) introduz a ideia de que há espécies na ontologia do modelo semântico e há sintagmas que sempre denotam a espécie como é o caso do plural nu no inglês. Espécies são indivíduos que ocorrem em vários lugares num mesmo momento no tempo. Alguns predicados, como ‘estar extinto’, ‘ser raro’, ‘estar desaparecendo’ selecionam espécies, como mostra a agramaticalidade de ‘\*João está extinto.’ Se é assim, o singular nu em Rikbaktsa pode também ser um sintagma genérico, isto é, denotar a espécie.

Desde Milsark (1974) sabemos que existenciais como ‘there be’ em inglês ou ‘ter’ existencial no português só aceitam os chamados quantificadores fracos, isto é, aqueles que são indefinidos, como podemos ver pelo contraste em português entre: ‘tem um menino na porta’ versus ‘\*tem o menino na porta’. Encontramos exemplos do singular nu em contextos existenciais, como *piku* ‘anta’, em (11a), e *tʃanipe* ‘bolsa’, em (11b). Além disso, nesses exemplos, o singular nu tem leitura genérica, tendo em vista o advérbio *taparaka* ‘antigamente’, que contrasta o que ocorre hoje em dia com o que ocorria antes. Note a marca de continuativo, em (11a), indicando imperfectividade, uma das características de sentenças genéricas.

- (11) a. *tapara-ka*                      *bato*                      *piku-ku*                      *ni*  
antigamente-CONT      não                      anta-CONT                      AUX  
‘antigamente não tinha anta’                      (SILVA, 2011: 212)
- b. *taparaka*                      *tʃanipe*                      *duba*                      *ni-ø-a*  
antigamente                      tʃanipe<sup>13</sup>                      RESTR                      3SUJ-PAS-AUX  
‘antigamente, tinha apenas tʃanipe, ele disse’                      (SILVA, 2011: 293)

Esse contexto sinaliza que o singular nu pode ser genérico, já que o conteúdo veiculado não é apenas sobre uma anta ou uma bolsa feita com fibra de árvore, mas sobre instâncias desse tipo de coisa, por assim dizer; instâncias da espécie. Assim o singular nu expressa tanto definitude quanto indefinitude; tanto singular quanto plural.

Para o plural nu, encontramos uma situação parecida com relação à definitude, este pode receber tanto interpretação definida quanto indefinida, a depender do contexto. Em (12a), *paraheitʃa* ‘queixadas’ tem leitura indefinida, declarando a existência de espécimes, enquanto na sequência da narrativa, em (12b), *paraheitʃa* ‘queixadas’ tem leitura definida.

- (12) a. *taparaka*                      *ke*                      *ba*                      *ktʃa*                      *parahei-tʃa-ka*  
antigamente                      ?                      AFIR                      MOD.EMP.NF/NF.PL/F                      queixada-NF.PL-CONT  
‘antigamente com certeza havia queixadas’                      (SILVA, 2011: 293)
- b. *parahei-tʃa*                      *katʃa*                      *ni-ø-mi-do-wə=hik=naha*  
queixada-NF.PL                      nos                      3SUJ-PAS-1OBJ.PL-subir-CAUS=PONT=PL.SUJ  
‘Os queixadas nos fizeram subir (na árvore)’                      SILVA (2011:163)

Assim, o plural nu também pode ser definido e indefinido, além de genérico.

O exemplo (13) reforça que tanto o plural nu, *maku-tʃa* (‘homens’, quanto o singular nu, *witi* ‘mulher’, podem se referir à espécie.

---

<sup>13</sup> Bolsa feita com fibra de árvore.

- (13) *tapara-baba-ka*                      *katfa*    *maku-tfa*                      *duba*  
antigamente-verdade-CONT    nós    homem-NF.PL                      RESTR  
*bo*    *riknakara=naha*  
serviços.domésticos                      3SUJ-AUX.CONT=SUJ.PL  
‘bem no começo, nós, só os homens, fazíamos os serviços domésticos.  
*witi*    *kinu*                      *worotok*    *bo*  
mulher    também    roça                      DIR  
as mulheres iam para a roça.’

Não encontramos nenhum dado em que o sintagma plural é utilizado em um contexto em que há um único indivíduo. Assim, uma diferença entre plural nu e singular nu é que o singular nu é mandatório em um contexto em que há um único indivíduo, enquanto que o plural nu não é gramatical nesse contexto. Em contextos genéricos, a diferença se neutraliza. Voltaremos a essa questão nas próximas seções.

Os dados analisados nos permitem levantar as seguintes hipóteses: (i) os nominais nus, com ou sem morfologia de número, não carregam traços de definitude; (ii) a definitude parece ser dada pela situação discursiva; (iii) tanto o plural quanto o singular nu podem ser sintagmas genéricos, isto é, denotar espécie; (iv) o singular nu pode denotar um átomo e uma pluralidade, enquanto o plural nu parece que não pode ser usado para denotar uma singularidade.

#### 4. O questionário de Dayal

O questionário foi traduzido para o português e adaptado à realidade Rikbaktsa<sup>14</sup>. Realizamos coletas individuais com os dois coautores indígenas, através de videoconferências que foram gravadas, transcritas, glosadas e traduzidas, sendo todas estas etapas feitas em conjunto com os professores. As coletas foram realizadas individualmente. O questionário de Dayal (no prelo) revisa a literatura através dos testes linguísticos que permitem verificar se uma dada expressão linguística carrega ou não os diferentes componentes semânticos envolvidos na expressão da definitude e da genericidade. Por exemplo, se não sabemos se uma expressão em uma

<sup>14</sup> Por exemplo, no contexto cujo objetivo é verificar se uma dada expressão é um demonstrativo ou um artigo, temos, no questionário original, uma situação em que há várias rosas, na adaptação, utilizamos uma situação em que há vários carás.

dada língua é um artigo definido ou um demonstrativo, o teste da unicidade, que apresentamos a seguir, permite verificar se a referida expressão é ou não um artigo: se for um artigo, vai veicular unicidade; se for um demonstrativo, vemos emergir a anti-unicidade; em outros termos, o demonstrativo não passa pelo teste. Está dividido em três seções, cada uma com várias subseções: (i) testando para a definitude, (ii) testando para a indefinitude e (iii) testando para referência à espécie. Neste capítulo, apresentamos os testes para a definitude, poucos testes para a indefinitude e apenas um teste para a referência à espécie. Não foi possível percorrer todo o questionário.

A primeira seção do questionário testa três propriedades associadas à definitude: a unicidade, a maximalidade e a anáfora. Há duas questões de fundo: determinar se a língua tem artigo definido ou não e, caso não, se o sintagma nu se comporta como um definido. A unicidade é uma propriedade do artigo definido em contraste com os demonstrativos, que são anti-unicidade, ou seja, não podem ser usados em um contexto em que há um único indivíduo; eles exigem que haja mais de um indivíduo mesmo que não seja dado explicitamente. O Rikbaktsa não tem artigos (Silva, 2011; Dellai *et al.*, 2021). No entanto, pode ser o caso do demonstrativo estar em processo de gramaticalização. Vamos verificar essa hipótese.

A primeira situação que nos ajuda a investigar a possível gramaticalização do demonstrativo envolve várias entidades, um monte de carás, por exemplo. Nesta situação, só é possível utilizar o demonstrativo acompanhado por um ato de apontamento. O artigo definido não cabe justamente porque exige que no contexto haja apenas um indivíduo com a propriedade em questão: ‘quero esse cará’ vs. ‘\*quero o cará’, utilizados num contexto com vários carás. A fim de investigarmos as diferentes opções de sintagmas nominais em Rikbaktsa, solicitamos aos coautores Rikbaktsa que imaginassem uma situação em que há vários carás. Em (14), exemplificamos a metodologia da coleta. Perguntávamos como, na situação de vários carás, pedimos por um cará (14a), ou cará (14b) ou este cará (14c).

- (14) a. Como fala “vou pegar um cará”?  
*iktata-ɾa ftuba ø-p-ø-ebə-kək*  
 cará-SIM um 1SUJ-NPAS-3OBJ.SG-levar.na.mão-CONT  
 ‘estou levando um cará’
- b. Como fala “vou pegar cará”?  
*iktata ø-p-i-fi-kik*  
 cará 1SUJ-NPAS-3OBJ.SG-levar.consigo-CONT  
 ‘eu estou levando cará’
- c. Como fala “vou pegar esse cará”?  
*ta-ha duba iktata-ɾa ø-p-ø-ebə-kək*  
 DEM.NF.SG-? RESTR cará-SIM 1SUJ-NPAS-3OBJ.SG-levar.na.mão-CONT  
 ‘eu estou levando só este cará’

Nas sentenças acima, o aspecto é imperfeito e o tempo é não passado, mas a interpretação do sintagma nominal não é a mesma. Em (14a) e em (14c), o falante usou *iktata-ɾa* que é uma espécie de cará grande. Nessas sentenças, a leitura do singular nu é de unicidade, o falante está levando apenas um cará. Em (14a), o falante utiliza *ftuba* que, como veremos adiante, expressa o cardinal 1; é, portanto, um numeral (Silva, 2011; Dellai *et al.*, 2021); não expressa indefinidade, característica do artigo indefinido. Já em (14c), há o demonstrativo *ta-ha*, que parece, neste caso, constituir um sintagma com o nome como núcleo, com a intervenção do restritor equivalente a ‘só’ ou ‘apenas’. A leitura é, portanto, definida. Em (14b) o singular nu indica uma quantidade indefinida de cará; essa é uma indicação de que o sintagma não expressa singularidade semântica. Note que a retomada no verbo em (14b) é com o índice pronominal no singular. Logo, estamos diante de um sintagma nominal sintaticamente singular, mas que pode veicular pluralidade. Veicula ainda indefinidade, em contraste com (14c).

Nos dados abaixo, coletados com o outro coautor Rikbaktsa, o tempo nas sentenças é não passado e não há marca de aspecto gramatical. O dado em (15a) mostra que o singular nu pode ser utilizado para expressar um número indefinido (um ou mais de um) e tem interpretação indefinida.

- (15) a. Eu tô indo na roça buscar cará.  
*iktata ka-tfuhuk fkirikwi ø-mi-r-i-fkik*  
 cará 1SG.POSS-roça NLZ 1SUJ-NPAS-DIR-3OBJ.SG-buscar  
 ‘eu vou na minha roça buscar meu carregado (cará).’

Em (15b), por outro lado, o demonstrativo parece não formar um constituinte com o nome e indica o apontamento de um único elemento em particular; logo, é definido. O falante utiliza *ftuba* ‘um’ para indicar a quantidade numérica de cará e *ta* para a demonstração. O nome está agora sob o escopo do cardinal e tem interpretação atômica.

- (15) b. Eu quero esse cará. (apontando)  
*ftuba iktata ø-p-i-fkik ta-ti mi*  
 um cará 1SUJ-NPAS-3OBJ.SG-levar DEM-ENF AUX.NPAS  
 ‘vou levar um cará, este’

A anti-unicidade do demonstrativo aparece claramente quando é conhecimento compartilhado que há apenas um indivíduo com a propriedade em questão, como é o caso do sol e da lua. No nosso mundo, só há um indivíduo que tem a propriedade de ser sol e um outro que tem a propriedade de ser lua. Nesses contextos, o uso do demonstrativo causa estranhamento: ‘\*Este sol é quente’ vs. ‘O sol é quente’<sup>15</sup>. Os exemplos em (16a-b) e (16c) mostram que apenas o singular nu *haramii* (‘sol’) e *boçoi* (‘lua’) são aceitos para denotar um único indivíduo no mundo, o sol e a lua, respectivamente. O acréscimo do demonstrativo *ta* em (16d) tornou a sentença estranha para os coautores *rikbaktsa*, que insistiram que o natural é o singular nu, como em (16c). Esses exemplos comprovam que o demonstrativo tem a propriedade de anti-unicidade; logo não é um artigo definido. O singular nu pode ser definido e indicar singularidade. O plural nu não pode ocorrer com o sol e a lua, indicando que semanticamente não pode ser usado para expressar singularidade.

---

<sup>15</sup> ‘Este sol está quente’ denota um estágio particular do sol.

- (16) a. *haramii tʃi-rohani-ĩ-ta* (Falante 1)  
sol 3SG-ser.quente-EST.AFIR=NF.SG  
'o sol está quente'
- b. *haramii tʃi-rohani-ĩ=na* (Falante 2)<sup>16</sup>  
sol 3SG-ser.quente-EST.AFIR=MAS  
'o sol está quente'
- c. *boʀoi tʃi-fapa-ĩ=ta*  
lua 3SG-ser.bonito-EST.AFIR=NF.SG  
'a lua está bonita'
- d. \* *ta-ti* *boʀoi tʃi-fapa-ĩ=ta*  
DEM.NF.SG-ENF lua 3SG-ser.bonito-EST.AFIR=NF.SG  
'esta lua está bonita'

Outro contexto que testa unicidade é quando há uma relação funcional estabelecida entre os nomes, como por exemplo em 'a ponta da flecha'. Nesses contextos, apenas o artigo definido pode ser utilizado, porque cada flecha tem apenas uma única ponta. O demonstrativo não pode ser utilizado precisamente porque o contexto é de unicidade, como mostra o contraste em (17) no português.

- (17) João ganhou uma flecha. # Aquela ponta (da flecha) / A ponta (da flecha) estava com problema.

Não conseguimos coletar esse dado com os coautores Rikbaktsa. No entanto, no *Livro de Apoio 3* (SIL, 2000) encontramos um exemplo que aponta para a conclusão de que nesse tipo de contexto, o natural é o singular nu.

- (18) *Kobototsa pata aha. Zaytaniaktak.*  
*Tohitih:*  
*Zaytaikpapykta.*

'Minhas flechas estão lá em cima. A ponta quebrou.  
O outro falou:  
Joguei fora a ponta.'

Nesse livro de apoio, os exemplos não são acompanhados por glosas. *Zayta* é a ponta de cada flecha. Como aparece na tradução, sua

<sup>16</sup> Vale notar a oscilação quanto à retomada de *haramii*, ora com o pronome para nomes não femininos *ta* ora com o pronome para nome de massa *na*.

interpretação é definida, não há o demonstrativo e a interpretação parece ser plural, já que cada flecha tem a sua ponta.

A terceira rodada de testes para a definitude diz respeito à possibilidade do sintagma ser anafórico, isto é, retomar referentes já introduzidos no discurso. Apenas sintagmas definidos são capazes de retomada anafórica. O exemplo abaixo em português ilustra o contraste entre o artigo definido e o indefinido; o indefinido introduz o referente discursivo, mas não pode retomar. A retomada anafórica é realizada pelo definido.

- (19) Um menino e uma menina entraram na casa dos homens. \*Uma/A menina estava pintada, \*um/o menino estava usando cocar.

Coletamos várias situações como a exemplificada em (19), modificando ligeiramente as sentenças, alterando os nomes e os elementos retomados. Das várias rodadas desse tipo de exemplo, obtivemos três respostas: a retomada anafórica com o pronome, que é a mais esperada e mais natural, a retomada com o singular nu, esperada já que são singularidades, e a utilização de *ftuba* ‘um’ na introdução dos referentes discursivos, caso que será discutido mais adiante. Abaixo está um exemplo com a retomada de ‘menino’.

- (20) *maku-fiki*      *iware*      *witik-fiki*      *mikiri*      *ni-ø-pupu=naha*.  
 homem-DIM    depois/e    mulher-DIM    casa.dos.homens    3SUJ-PAS-entrar.PL=PL.SUJ  
*maku-fiki*      *mikiri*      *eʔe*      *ta-dəhə*  
 homem-DIM    casa.dos.homens    INESS    3SG.COR-sentar  
 ‘Um menino e uma menina entraram no *mikiri*. O menino se sentou no *mikiri*.’

Neste exemplo, o tempo é passado e não há marca de aspecto gramatical. O singular nu *makufiki* ‘menino’ é utilizado tanto para introduzir quanto para retomar o referente. Esta é uma clara indicação de que esse sintagma não carrega informação sobre definitude.

A primeira seção sobre definitude termina testando a homogeneidade ou maximalidade, que é outra característica do artigo definido. A maximalidade significa que há um único indivíduo de quem se está falando. O teste consiste em utilizar predicados que são incompatíveis, isto é, que não podem ser tomados juntos de um mesmo indivíduo num mesmo momento no tempo sem criar uma contradição. A sentença em (21a) é



contraditória porque o artigo definido exige que haja um único indivíduo com as duas propriedades, o que não é possível. Isso não ocorre com o indefinido, (21b), porque não exige um indivíduo máximo.

- (21) a. \* O cachorro está dormindo e o cachorro está acordado.  
b. Um cachorro está dormindo e um cachorro está acordado.

Esse teste gerou muito debate durante a coleta de dados e foram várias as situações criadas para podermos entender o que estava acontecendo. Se o sintagma nu é maximal, sua repetição com predicados incompatíveis deve levar a uma contradição numa situação em que há vários indivíduos. Se ele for indefinido, esse uso deve ser possível. A sentença em (22), se não for acompanhada por apontamentos para indivíduos distintos, foi rejeitada pelos falantes, indicando que o singular nu é maximal.

- (22) \* *tʃikuparini* *ø-p-uru-ba-ka* *tʃikuparini* *ta-difaha-ka*  
cachorro 3SUJ-NPAS-dormir-COMP-CONT cachorro 3SG.COR-alimentar-CONT  
'o cachorro está dormindo e o cachorro está comendo'

Avaliamos diferentes situações, com diferentes nomes e verbos, e o resultado é o mesmo: a duplicação do singular nu não é aceita em contextos em que há vários indivíduos, se os predicados são contraditórios. Assim, o singular nu expressa maximalidade. Para ser aceita, é preciso que haja apontamentos para indivíduos diferentes, um uso indefinido do singular nu, ou o acréscimo de alguma expressão linguística que indique que as propriedades estão sendo atribuídas a indivíduos diferentes. Não conseguimos coletar o dado com o plural nu.

Os resultados dessa primeira série de testes sobre a definitude mostram que: (i) o demonstrativo carrega pressuposição de anti-unicidade, logo não é um artigo definido; (ii) o nominal nu, com ou sem morfologia de plural, pode expressar tanto indefinitude quanto definitude, porque introduz e retoma referentes discursivos; logo não carrega informação sobre definitude; (iii) o singular nu exige maximalidade, a não ser que acompanhado por apontamentos distintos; (iv) só o singular nu pode ser utilizado em contexto em que há um único indivíduo como o sol ou a lua; indicando que o plural nu não pode denotar um indivíduo.

A segunda seção do questionário trata dos indefinidos. Dayal (no prelo) apresenta três testes para identificar se estamos diante de um numeral ou de um artigo indefinido: a introdução de referentes discursivos, a interação com a negação e a genericidade. Não conseguimos testar com a negação. Em vários momentos de nossas coletas nos deparamos com *ftuba* ‘um’, introduzindo indivíduos no discurso, o que nos levou a hipotetizar que poderíamos estar diante de uma gramaticalização em direção a se tornar um artigo indefinido. Para testar a introdução de referentes discursivos, o questionário sugere que sejam recuperadas narrativas tradicionais. Utilizamos o termo ‘ancião’ e deixamos claro que não se sabia quem ele era. Neste contexto, um dos falantes introduziu o sintagma com *ftuba*, mas na conversa disse que estava apenas enfatizando que era um único, e fez a recuperação anafórica com o singular nu *tfeikbata* ‘ancião’.

- (23) *ftuba duba tfeikbata ta-miikaha ta-hudikhudikwi eye*  
 um RESTR ancião 3SG.COR-festa 3SG.COR-aldeia INESS  
 ‘um ancião somente fez festa na aldeia dele’  
*tfeikbata miikaha*  
 ancião festa  
 ‘o ancião era o dono da festa’ (*lit.*: a festa do ancião)

Vimos em outros exemplos, como em (20), que o referente discursivo pode ser introduzido pelo sintagma nu. Logo, *ftuba* não é um artigo indefinido; se fosse, ele deveria ser obrigatório. Assim, parece corresponder ao cardinal 1.

No exemplo em (24), notamos que numerais podem introduzir referentes no discurso: *petok* ‘dois’ introduz dois indivíduos, que são então especificados, ‘uma menina e o outro um menino’.

- (24) *petok-tfa-tfa i-na-pupu=naha*  
dois-PL-? 3SUJ-DIR-entrar.PL=PL.SUJ  
‘Dois entraram,  
*ftuba ka witiik-fiki ufta maku-fiki*  
um ? mulher-DIM outro homem-DIM  
uma menina, e outro, (um) menino.  
*iwatfa mi-fipikoro bo i-na-pupu=naha.*  
então 1PL.POSS-sala.de.aula DIR 3SUJ-DIR-entrar.PL=PL.SUJ  
Então, eles entraram na sala de aula.  
*maku-fiki-ti i-fuk i-riri=ta*  
homem-DIM-ENF 3SG.POSS-roupa 3SG-ser.vermelho-NF.SG  
A roupa do menino era vermelha’ (*lit.*: o menino era o de roupa vermelha)

Assim, é possível introduzir referentes com o numeral, mas sua presença não é obrigatória, indicando que *ftuba* não é um artigo indefinido.

Embora não estivesse no questionário, testamos contextos existenciais porque são com certeza contextos indefinidos. Se *ftuba* fosse um artigo indefinido, ele deveria aparecer neste contexto. No entanto, a resposta espontânea não utilizou o numeral.

- (25) *piku i-ø-ø-nə pihik ere*  
anta 1SUJ-PAS-3OBJ.SG-ver rio INESS  
‘eu vi anta no rio.’

Note que o sintagma *piku* ‘anta’ está nu e pode se referir a uma ou mais de uma anta. Assim, o informante manteve a ideia de indefinição e não utilizou *ftuba*. Se *ftuba* fosse um artigo indefinido, ele deveria aparecer obrigatoriamente neste exemplo. Sua não ocorrência mostra que não se trata de artigo indefinido.

Sentenças genéricas indicam padrões de recorrência ou propriedades estáveis, enquanto que sentenças episódicas são sobre um evento em particular. Um dos testes para distinguir esses tipos de sentença é a inserção de advérbios como ‘geralmente’, que não ocorrem com sentenças episódicas. Por exemplo: ‘\*João geralmente jantou’ vs. ‘João geralmente

jantava’<sup>17</sup>. Como já dissemos na seção anterior, sentenças com predicados disposicionais são genéricas. O artigo indefinido pode ocorrer em sentenças genéricas, como em ‘Uma criança chora.’ Se *stuba* é um artigo indefinido, ele pode ocorrer nesse contexto; se for um cardinal, não. Solicitamos para os coautores Rikbaktsa avaliarem a gramaticalidade de (26) e (27).

- (26) *jabui-tfa tumado tfik f-akparawi*  
 criança-NF.PL banana chicha 3PL-gostar  
 ‘crianças gostam de chicha de banana’
- (27) \**stuba kiri tumado tfik i-akparawi*  
 uma criança banana chicha 3SG-gostar  
 ‘uma criança gosta de chicha de banana’

Ambos recusaram a sentença em (27); essa é mais uma indicação de *stuba* parece efetivamente ser um cardinal e não um artigo indefinido. O plural nu em (26) é um genérico.

Até o momento, a investigação sobre os indefinidos mostrou que: (i) *stuba* é um cardinal e não um artigo indefinido; (ii) *stuba* pode introduzir referentes no discurso; (iii) o nominal nu pode ser um indefinido e anafórico (definido); (iv) o nominal nu pode ser genérico.

Finalmente, a terceira seção do questionário trata da genericidade. Dela conseguimos testar apenas um caso. Em (28), vemos o singular nu preenchendo as duas posições do verbo disposicional: *piku* ‘anta’ e *hwihara* ‘fruta’.

- (28) *piku hwihara j-akparawi*  
 anta fruta 3SG-gostar  
 ‘anta gosta de fruta’

O exemplo reforça a hipótese de que o singular nu pode ser um nome genérico.

---

<sup>17</sup> Novamente a literatura sobre genericidade é extensa. Krifka *et al.* (1995) é uma excelente introdução ao tema.

Como dissemos, predicados de espécie selecionam sintagmas genéricos, isto é, que denotam a espécie (Krifka *et al.* 1995). Como em Rikbaktsa parece não haver um predicado como ‘estar em extinção’, utilizamos o predicado *epək* ‘acabar’. Verificamos que a sua combinação do verbo com nomes próprios não é gramatical. Espontaneamente, os dois falantes utilizaram o plural nu, como mostra (29a). Quando perguntamos se (29b) era aceitável, ambos rejeitaram e afirmaram que é obrigatório o uso do plural.

- |      |    |   |  |
|------|----|---|--|
| (29) | a. | <i>piku-tfa</i><br>anta-NF.PL<br>‘antas estão acabando’ | <i>ø-mi-epə-kək=naha</i><br>3SUJ-NPAS-acabar-CONT=PL.SUJ |
|      | b. | * <i>piku</i><br>anta                                   | <i>ø-mi-epə-kək</i><br>3SUJ-NPAS-acabar-CONT             |

Esse é um resultado que precisa ser investigado mais a fundo porque, como vimos, o singular nu é um sintagma genérico, já que se combina com predicados disposicionais. Uma hipótese é que o verbo *epək* seja um predicado plural. Numa próxima ocasião, pretendemos verificar essa hipótese e testar com outros verbos que selecionam uma espécie, como ‘ser raro’ e ‘ser numeroso’.

Em conclusão sobre a genericidade: (i) predicados disposicionais ocorrem naturalmente com o singular nu; (ii) o predicado de espécie *epək* ‘acabar’ exige plural nu.

## 5. Algumas conclusões

O capítulo revisou alguns aspectos da gramática da língua Rikbaktsa, selecionando dados que pudessem auxiliar na compreensão sobre a semântica do sintagma nominal em posição argumental. Aplicamos o questionário de Dayal (no prelo) para verificar a distribuição dos sintagmas nominais em contextos definidos, indefinidos e genéricos, acrescentando dois contextos, os predicados disposicionais e os existenciais. A aplicação do questionário com dois falantes da língua permitiu verificar que de fato essa língua não tem artigos. O demonstrativo carrega uma pressuposição de anti-unicidade, logo não é um artigo definido e *stuba* é um numeral, não um artigo indefinido, já que não ocorre em contextos genéricos. Os nominais nus, com ou sem morfologia de

número, não carregam informação sobre definitude; eles tanto introduzem quanto retomam indivíduos no discurso. A definitude, nessa língua, é guiada pela situação discursiva. O singular nu é maximal, o que leva a hipótese de que, sem outras informações, a leitura é definida. Para a interpretação indefinida, o apontamento é obrigatório. Já com predicados genéricos, como os predicados de espécie e os posicionais, o sintagma nominal tem interpretação genérica.

Mostramos evidências de que o singular nu não carrega informação sobre o número. É obrigatório no caso do referente ser atômico, mas pode ser tanto genérico quanto plural. Nossa hipótese, que não será desenvolvida formalmente neste artigo, é que o singular nu não carrega traço de número, podendo denotar um indivíduo atômico, uma pluralidade ou a espécie. Sugerimos que a competição com o plural nu pode explicar a preferência pela leitura de singularidade. Já o nome plural parece não ser aceitável em sentenças que descrevem situações em que há um único indivíduo. Logo, o nome plural é uma soma, como esperado pela literatura em semântica.

Vimos que com o predicado de espécie *epək* ‘acabar’ apenas o plural nu é aceito. Nossa hipótese é que esse seja um predicado plural. Iremos testar outros predicados de espécie. Para uma semântica mais fina dos nominais nus precisamos testar as interações com outros operadores e a possibilidade de escopo amplo e intermediário. Esses fenômenos estão contemplados no questionário de Dayal (no prelo), mas ainda não temos os dados.

Esperamos com esta pesquisa estar contribuindo para a documentação e valorização da língua Rikbaktsa e, também, para o avanço na compreensão da semântica do sintagma nominal, principalmente tendo em vista a escassez de estudos dessa índole para línguas indígenas.

## Abreviaturas

<b>1</b>	primeira pessoa	<b>INESS</b>	inessivo
<b>2</b>	segunda pessoa	<b>MAS</b>	massivo
<b>3</b>	terceira pessoa	<b>MOD</b>	marca de modalização
<b>AUX</b>	auxiliar	<b>NF</b>	não feminino
<b>CONT</b>	continuativo	<b>NLZ</b>	nominalização
<b>COMP</b>	completivo	<b>NPAS</b>	não passado
<b>COR</b>	correferencial	<b>OBJ</b>	objeto
<b>DEM</b>	demonstrativo	<b>PAS</b>	passado
<b>DIM</b>	diminutivo	<b>PL</b>	plural
<b>DIR</b>	direção	<b>POSS</b>	possessivo
<b>ENF</b>	ênfase	<b>RESTR</b>	restritivo
<b>EMP</b>	empatia	<b>SG</b>	singular
<b>EST.AFIR</b>	estativo afirmativo	<b>SIM</b>	similitivo
<b>EVIT</b>	evitativo	<b>SUJ</b>	sujeito
<b>F</b>	feminino		

## Referências

- Chierchia, Gennaro. 1998. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6: 339-405
- Chierchia, Gennaro. 2021. Mass vs. Count: Where do we stand? Outline of a theory of semantic variation. *Things and Stuff: The Semantics of the Count- Mass Distinction [Chapter 2]*. Kiss, T.; Pelletier, F.J.; Husic, H. (eds). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Basso, Renato; Pires de Oliveira, Roberta. 2015. Generic and Weak Demonstratives: The Realm of Kinds. *Journal of Portuguese Linguistics* 14(1):.45-62. <<https://doi.org/10.5334/jpl.57>>
- Carlson, Gregory N. 1977. A unified analysis of the English bare plural. *Linguistics and Philosophy* 1: 413-457. <<https://doi.org/10.1007/BF00353456>>.
- Dayal, Veneeta. No prelo. *Identifying (In)definiteness. A Questionnaire*.

- Dellai, Érica Milani; Ern, Vitória Maria Jasper; Silva, Léia de Jesus; Pires de Oliveira, Roberta; Rachadel, Beatriz Martins; Souza, Bianca Maria de. 2021. A distinção massa e contável na gramática Rikbaktsa (Macro-Jê). *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas* 21(00). <<https://doi.org/10.20396/liames.v21i00.8661408>>.
- Diesing, Molly. 1992. *Indefinites*. Cambridge: MIT Press.
- Givón, Talmy. *Syntax: An Introduction* – Volume I. Amsterdam: J. Benjamins, 2001a.
- Heim, Irene. 1982. *The Semantics of Definite and Indefinite NP's*. Ph.D dissertation, University of Massachusetts: Amherst.
- Kamp, Hans A. 1981. A Theory of Truth and Semantic Representation in Gronendijk, Janssen; Stokhof (eds.). *Formal Methods in Study of Language*. Amsterdam.
- Krifka, Manfred; Pelletier, Francis Jeffry; Carlson, Gregory; Meulen, Alice ter; Chierchia, Gennaro & Link, Godehard. 1995. Greg N. Carlson & Francis Jeffry Pelletier (eds.). *The Generic Book*. University of Chicago Press, p. 1-124.
- Lima, Suzi; Rothstein, Susan. 2020. A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation* 20(2): 174-218. <https://doi.org/10.1075/lv.20.2>
- Lyons, Christopher. 1999. *Definiteness*. Cambridge, UK: Cambridge Univ. Press.
- Matthewson, Lisa. 2004. On the Methodology of Semantic Fieldwork. *International Journal of American Linguistics* 70: 369-415.
- Mendes, Luciana Sanchez. 2014. Trabalho de Campo para Análise Linguística em Semântica Formal. *Revista Letras* 90: 277-293.
- Milsark, Gary L. 1974. *Existential Sentences in English*. PhD dissertation, Massachusetts Institute of Technology: Dept. of Foreign Literatures and Linguistics. <http://hdl.handle.net/1721.1/13021>
- Pires de Oliveira, Roberta. 2021. *A (In)definitude através das línguas*. Projeto PQ-1C.
- Russell, Bertrand. 1905. On denoting. *Mind* 14 (56): 479-493.



SIL (Summer Institute of Linguistics). 2007. *Dicionário Rikbaktsa/Português e Português/Rikbaktsa*. Associação Internacional de Linguística, Cuiabá: MT.

<https://www.sil.org/system/files/reapdata/23/74/77/23747713988086297350702187859467170352/RKDic.pdf>

Silva, Léia de Jesus. 2011. *Morpho syntaxe du Rikbaktsa (Amazonie brésilienne)*. PhD dissertation, Curso de letras. Université Denis Diderot, Paris. [http://www.etnolinguistica.org/local-files/tese:silva2011b/silva\\_2011\\_rikbaktsa.pdf](http://www.etnolinguistica.org/local-files/tese:silva2011b/silva_2011_rikbaktsa.pdf)

Smith, Carlota. 1991. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. <https://doi.org/10.1075/sl.17.2.16ten>